

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 3030 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 3200 * Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros.... 12500 * Numero avulso..... 3040 *	N.º 64	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, Sr. Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

A EMIGRAÇÃO

Entre os assumptos mais ou menos complexos, que de certo hão de prender a intelligencia prestigiosa e entusiasta do homem que hoje está á testa dos negocios do reino, nenhum lhe merecerá, ou pelo menos nenhum deve merecer-lhe, uma tão especial solicitude como o que se prende com este importantissimo phenomeno social — a emigração portugueza.

Num ponto de vista geral esse phenomeno é d'aquelles que fogem a toda e qualquer ordem de principios prestabelecidos, comquanto na maioria dos casos não seja difficil apurar quaes os factores que o determinam e as leis a que obedece, e por isso não serão nunca simples medidas de caracter *formal*, nem prescripções dogmaticas e auctoritarias, embora dimanando dos mais altos e mais inviolaveis poderes, que impedirão ou dirigirão a seu bel-prazer as correntes de que elle se compõe.

Todavia se a variabilidade e o *imprevisto* têm na emigração um tão vasto e tão indisputado logar, e se não se desvia pela força — e ás vezes até nem pela persuasão — o conjunto de habitos, de tendencias, de praticas seguidas, não soffre contestação que com um methodo, determinado, com planos desenvolvidos e com instrumentos adequados muito se pôde fazer e se faz de ordinario.

Um lente sympathico e auctorisado de um curso superior dizia-nos uma vez com um mal disfarçado desdem que a emigração se não dirige, respondendo assim á idéa que suggeriamos de se canalisar para a Africa uma parte da gente que vae do nosso paiz para pontos tanto ou mais insalubres do que as colonias.

Ouvimol-o attentos, e, embora para nós houvesse já passado a epocha do *magister dixit*, não tivemos então nem tempo nem ensejo para lhe rebater essa opinião demasiado auctoritaria e sobretudo extremamente *simplista*.

Aqui estamos hoje, porém, e sem ostentar uma erudição, que não temos, nem cotejar estatisticas, que não possuímos, lembraremos apenas que se o criterio philosophico é muito bom para explicar varias causas e determinados effeitos, que se a erudição historica é indispensavel para reforçar com exemplos e enriquecer com factos uma theoria que se sustenta,

a realidade, a simples e modesta realidade, tambem tem o seu tal ou qual valor, e ás vezes sabe demonstrar as cousas com a precisão clara da mathematica, e a logica indestructivel do bom senso.

Ora, a realidade o que nos diz a respeito de emigração? Diz-nos que entre um certo nucleo onde os poderes estabelecidos não podem ter ingerencia, nem mesmo ficticia, o qual por isso irá formar-se ao sabor de factos que fogem a toda a previsão legal, e, em tantos casos, até aos principios da economia e da hygiene; e muitos outros que para se formarem aguardam ás vezes a superveniencia de causas estranhas e fortuitas, ha evidentemente uma larga esphera de experimentação, e que se, por exemplo, para tornarmos mais claro o nosso pensamento, nem toda a leva de emigrantes que se arrojam para a America do sul pôde amanhã ser dictatorialmente estancada ou prohibida, ha no emtanto mil fórmas de fazer convergir uma parte d'ella para um ponto que esteja em igualdade de circumstancias, ou melhor ainda, em condições superiores.

Pois porque é que tantos emigram? Evidentemente porque não encontraram no seu logar, na sua provincia, na sua nação, onde occupassem a sua actividade.

E porque é, que, fazendo-o, escolhem de preferencia ás nossas possessões o Brazil, as republicas do Prata, e até pontos dos Estados Unidos?

Porque têm a probabilidade, e algumas vezes a certeza, de encontrar ahi o que aqui em vão procuram.

Se, porém, no proprio paiz d'onde emigram os que a isso são forçados, apparecer o trabalho que remunera, e a protecção de que elles carecem, evidentemente não irão aventurar-se mais longe em busca do que têm dentro de casa.

Dir-nos-hão que muitos, uma legião, talvez, preferirão aventurar-se quanto mais não seja por essa necessidade instinctiva e fundamental que está em nós, e que eternamente nos attrahe para o mysterioso e para o desconhecido, — e não o negaremos.

Vamos até mais longe; reconhecemos que esta corrente se decompõe mesmo em duas: a dos que vão simplesmente entregues aos influxos da phantasia, sem moderador e sem bussola, e a dos que secretamente tentados pela fascinação do ouro, lenda enganosa feita de visões e de deslumbraamentos, in-

conscientemente obedecem a um designio fatal que parece estar-lhes no sangue, e que talvez lá esteja com efeito transmitido pela hereditariedade...

Mas se não negámos isto, embora todos sejam obrigados a concordar que na sua maioria estes elementos, sobretudo os primeiros, são evidentemente elementos inferiores sociologicamente falando — e ás vezes até physiologicamente considerados, não havendo, portanto, inconveniente algum em não os aproveitar; — o que contestámos — e para isto nos serve a tal simples realidade — é que não se possa derivar para pontos diversos e até diametralmente oppostos, a onda de desgraçados proletarios, que mais não pedem alguns, que um misero bocado de pão para matar a fome, a fome que a elles procura matal-os e os mata em geral...

Quem tem visto ou conhecido as vergonhosas, as tristes, tristissimas condições em que é feita uma grande parte, se não a maioria, da nossa emigração, bem sabe que entre vinte ou trinta aventureiros que encontrariam trabalho no paiz, e que são por assim dizer o escumalho da população, expatriando-se pelo mero prazer caprichoso ou doentio de irem correr terras a tentar fortuna, centenas, milhares quicá, expatriam-se por não encontrarem na patria que lhes é madrastra, nem a escola que ensina, nem a terra que alimenta, nem a casa que abriga, nem o trabalho que fecunda.

Esta é a cruel, a feroz realidade.

Afirmam, que no Minho especialmente, se emigra, e só para o Brazil, porque ha lá a tradição de que se regressa rico, sendo inutil e *inscientífico* (!) tentar combater esse phenomeno, que é quasi um phenomeno basilar da propria provincia; mas os que tal avançam esquecem-se de nos dizer como a tradição se formou, e se não é igualmente possivel preparar a atmospheria para se elaborar uma tradição opposta.

De certo que se todos nós, governo e individuos, tenazmente sustentarmos os preconceitos estabelecidos, só a dura experiencia se encarregará de pouco a pouco ir amestrando os indoutos e precavendo os incautos, que á sua custa terão aprendido, o que já succede em parte agora; mas se assim como se formam associações e ligas com intuitos varios, e para variados fins, se formasse ou se formar uma liga, uma associação, uma cruzada, ou como se deva melhor chamar, para fortalecer no espirito publico as verdades que já elle proprio começa a presentir, se juntamente com essa catechese de ordem espiritual e moral vier a protecção efficaz, pratica e palpavel dos governos, alienando terrenos, fornecendo ferramentas, dispensando auxilio, collocando, emfim, sob a egide benefica e amavel da solidariedade nacional todos aquellos que queiram prestar á patria o serviço da sua dedicação e do seu trabalho, não acreditamos que não appareçam, que não affluam até com alvoroço as energias de milhares de braços, que outra cousa não pedem senão que os aproveitem.

Ficará ainda uma numerosa corrente fóra d'este centro de atracção, que persistirá em se desinteressar dos seus deveres civicos e dos seus laços affectivos? Ficará, seguramente, mas essa é que é a tal irreductivel, a tal que nenhuma lei pôde encami-

nhar ou distrahir, a tal que se compõe de mil elementos mixtos desde os que emigram por fatalidade hereditaria, até aos irrequietos, aos aventureiros, aos hallucinados, que perseguindo uma visão ou dominados por um objectivo, buscam fóra do seu meio e do seu povo aquillo com que sonharam ou que ambicionam.

Mas, como viram, não são esses só os que emigram.

Quanto aos que dizem que é uma utopia pensar, por exemplo, em colonisar a Africa, quando ainda não soubemos colonisar uma porção da propria metropole, convem lembrar que quasi igual censura se poderia irrogar a todos os povos colonisadores, alem de que para o nosso caso o essencial é povoar a parte que no continente negro nos pertence, tentando-o com elemento nosso, fundamentalmente nosso, para o que se torna indispensavel crear e multiplicar os nucleos de população portugueza branca em locais anteriormente estudados e sabiamente escolhidos, que actuem junto do preto como factores de civilisação e de dominio, repercutindo e influindo n'elles, porque aqui, na metropole, pôde, e com vantagem, utilisar-se então o elemento estrangeiro, quando o nacional, que em todas as circumstancias e por todos os motivos deve ser preferido e predominar sempre, não possa conseguilo.

Diluido como ficará na corrente autochtona e por ella mais ou menos absorvido, elle virá representar aqui como *immigrante* o que nós vamos representar lá fóra como *emigrantes*.

Julgámos que o dr. Antonio Candido, que tão alto e tão justo vê todas as questões, ha de certamente ver esta a que viemos referindo-nos com a funda penetração que sem duvida não perdeu nas culminações do poder, e mostrará aos sabios e aos ignorantes como a emigração não é tal um phenomeno tão irreductivel que não possa soffrer correções importantissimas.

Um povo que fez o Brazil é bem capaz de se refazer a si, e de tallar ainda na Africa o espaço preciso para que se projecte á vontade a sua elevada estatura; basta querer, mas querer com decisão e com valentia, e ter fé — a fé que abala montanhas — ou que as levanta...

AFONSO VARGAS.

A IMPRESSÃO REGIA HOJE IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

(Fragmentos de um livro inédito)

1802-1810

(Continuado)

Tão longe como nos achámos dos successos e dos homens de que vamos tratando, é difficil conhecer bem quaes foram as razões que determinaram a alteração profunda, effectuada por alvará de 7 de dezembro de 1801, no systema por que se regia a imprensa regia até á morte de Miguel Manescal da Costa.

O fim ostensivo da reforma foi louvavel certamente, como eram de certo muito para encarecer as intenções generosas do legislador. Tratava-se (diz o referido alvará) «de promover os uteis fins a que

a mesma (impressão regia) é destinada, para a elevar com vantagem publica ao maior grau de prosperidade que possa conseguir-se etc., conciliado tudo «com a mais severa economia».

Os meios que se empregaram foram, entre outros, substituir a primitiva administração por uma *junta economica, administrativa e litteraria*, presidida pelo presidente do real erario, na qualidade de inspector geral, e composta do seguinte modo:

Director geral, o desembargador Domingos Monteiro do Albuquerque Amaral, com 400000 réis annuaes; segundos directores, João Guilherme Christiano Muller¹, allemão de origem, humanista distincto e professor de linguas orientaes, e Alexandre Antonio das Neves, bacharel formado em direito, com 200000 réis annuaes cada um; primeiro guarda-livros Joaquim José Escosepe com 700000 réis²; administrador, Simão Thaddeo Ferreira, com réis 600000; thesoureiro, Marcos Aurelio Rodrigues, substituido, pelo decreto de 26 de setembro de 1806, por Joaquim Antonio Xavier Annes da Costa, official da secretaria d'estado dos negocios da fazenda; directores litterarios, Custodio José de Oliveira, presbytero secular, professor de lingua grega no real collegio dos nobres, Joaquim José da Costa e Sá, grande humanista e lexicographo, tendo cada um 200000 réis de gratificação, fr. José Marianno da Conceição Velloso, naturalista assás conhecido, e o bacharel em direito e philosophia, Hippolyto José da Costa Pereira. A estes ultimos, aquelle natural do Brazil, este da nova colonia do Sacramento, não se fixou vencimento especial, continuando, todavia, a abonar se, pelo exercicio do logar, a fr. Marianno o subsidio que já recebia, e ao dr. Hippolyto o depois da sua viagem aos Estados Unidos da America³.

A extincção da chamada casa litteraria do Arco do Cego, que tambem se denominava officina chalcographica, typoplastica e litteraria, estabelecimento creado por influencia do padre Velloso, foi determinada por aquelle alvará tambem, e tornou effectiva por aviso da mesma data, no qual se ordenou que se processasse a rigoroso inventario de tudo quanto ali existia, prelos, utensilios, typos, chapas e livros, e se tomaram outras providencias cuja execução foi commettida ao desembargador Domingos Monteiro do Albuquerque Amaral, coadjuvado por Marcos Aurelio Rodrigues.

Em harmonia com o pensamento da reforma, por decreto de 25 de janeiro de 1802, instituiu-se uma escola de gravura, confiada á direcção do celebre artista Francisco Bartholozzi «com o encargo não sómente de executar as obras que lhe fossem orde-

nadas pela direcção geral da dita impressão regia, mas de instruir e ensinar na sua arte as pessoas que para o mesmo fim lhe fossem propostas», vencendo de pensão annual 600000 réis, e tendo por ajudante, com a mesma pensão de 600000 réis, Gregorio Francisco de Queiroz¹, discipulo de Jeronymo de Barros Ferreira, que em 1796 fôra mandado a Londres para se aperfeiçoar na arte de gravura em cobre.

Releva notar que não ha toda a verdade nos fundamentos do decreto de 25 de janeiro: no sentido litteral instituir, quer dizer crear, fundar, e a escola de gravura fôra creada na impressão regia pelo alvará de 24 de dezembro de 1768, e nunca deixára de funcionar, mais ou menos regularmente, sob a direcção do habilissimo artista Joaquim Carneiro Silva, que só nos ultimos annos, por necessidades impreteriveis de outro servico, deixára de ser menos assíduo na regencia e trabalhos da mencionada escola.

Ainda no elevado intuito de engrandecer a impressão regia, e de a tornar cada vez mais util, mandou-se, por decreto de 15 de julho de 1802, erigir na villa de Alemquer, junto á ponte da Couraça, entre o rio e o moinho denominado de El-Rei, uma fabrica «de todas as melhores qualidades» de papel. Para a definitiva fundação e laboração d'esta, que devia ser muy importante fabrica, organisou-se depois uma companhia ou sociedade de accionistas; o estado, porém, tomou logo a seu cargo a aquisição dos edificios, terrenos e aguas necessarias, bem como pagar as indispensaveis expropriações, de que resultou com effeito sair do cofre da impressão regia ou do erario para a satisfação d'aquelles encargos a somma de 30:4082507 réis.

De um complexo de providencias que se figuravam tão sabiamente concebidas e delineadas, parecia deverem-se colher muy abundantes fructos. Não aconteceu entretanto assim.

Sobravam em alguns dos membros da junta os conhecimentos litterarios; não falleciam em outros as mais bellas intencões e o mais ardente desejo de acertar: mas aquelle corpo collectivo o que faltava era a harmonia e o accordo, quasi impossiveis de alcançar entre homens de condições e caracter diversos e, como funcionarios, sem attribuições claramente definidas.

A unidade de acção que durante o tempo de Miguel Manescal se symbolisava n'este eminente typographo, deixou de existir; Simão Thaddeo Ferreira, successor de Manescal, não era já o administrador tecnico das diversas officinas da impressão regia e o responsavel por todos os seus trabalhos, senão o delegado dos diversos directores, e o executor das suas ordens, nem sempre as mais discretas, e muitas vezes dadas por algum dos directores em contraposição das de outros.

F. PEREIRA E SOUSA.

(Continua.)

¹ Por aviso regio de 15 de junho de 1803, João Guilherme Christiano Muller foi nomeado para o logar do fallecido Joaquim José da Costa e Sá. Nesse notavel aviso recommenda-se-lhe, e aos demais directores, que, «continuando a promover e zelar os interesses da fazenda real, se conduzam entre si com a civilidade e dignidade que convem a deputados de uma junta litteraria».

² Por decreto de 17 de setembro de 1802 passou este empregado a ter a denominação de contador, conservando, porém, o mesmo ordenado de 700000 réis.

³ Por decreto de 29 de dezembro de 1801 foi tambem nomeado director litterario, fr. Innocencio Antonio das Neves Portugal. Livro de registo de decretos, avisos e ordens, fol. 53 v.

¹ Gregorio Francisco de Queiroz, sem duvida um dos mais habeis gravadores portuguezes que tem havido, nasceu em 4 de janeiro de 1768, e veiu a fallecer em Lisboa em 29 de abril de 1843.

Quem se habitua a depender de outrem nunca avançará um passo, e quem não sabe praticar o bem por si mesmo nunca poderá aproveitar os bens alheios.

MIGUEL ANGELO.

FABRICA NACIONAL DE VERNIZES E TINTAS DE IMPRESSÃO

(dos srs. Augusto Gama & C., no Porto)

Occupa esta fabrica um terreno situado na rua do Duque da Terceira, Campos do Cyrne, um pouco á direita da rua do Heroismo que atravessa os mesmos campos e que conduz da gare de Campanhã á cidade. Este terreno mede approximadamente 2:000 metros quadrados, tendo a sua frente principal para a rua do Duque da Terceira, e outra frente, opposta a esta, para a rua do Duque de Saldanha.

Entrando pelo grande portão de ferro da frente principal somos forçados a entrar no escriptorio, visto que uma cancella de ferro nos impede a passagem.

O escriptorio é espaçoso e alto; janella para a frente e janellas para a grande rua interior. Em seguida ha o deposito dos productos preparados e promptos a serem entregues ao consumo. Este deposito é uma applicação do catalogo da casa, tendo as cores todas classificadas e separadas umas das outras. Passa-se a uma pequena officina de ensaios das tintas por meio de um prelo lithographico aonde são experimentadas todas as cores que se fabricam.

Por baixo d'estas tres divisões e a todo o comprimento d'este corpo do edificio corre um subterraneo com reservatorios que contêm 18:000 a 20:000 kilos de oleos para a confecção dos vernizes a empregar nas tintas.

Em frente d'esta parte do edificio e formando-lhe ala direita encontra-se em primeiro logar a officina de moagem, que mede pouco mais ou menos 200 metros quadrados. E construida em quadrado e o tecto suspenso ao meio em columnas de ferro. N'esta officina trabalham actualmente 8 machinas collocadas em duas alas. Em uma d'estas alas ha quatro machinas para a producção de tintas lithographicas em negro e em cores, e na outra ala uma machina mixta para fabricar pequenas porções de cores pedidas mediante amostra, 2 machinas para a fabricação de tintas typographicas finas e um moinho para a tinta de jornal.

A producção das machinas de tinta lithographica é calculada, termo medio, em 15 kilos por dia de trabalho, ou 10 horas, cada uma.

As de typographia são calculadas para 80 kilos, termo medio.

O moinho produz approximadamente 200 a 250 kilos de tinta de jornal.

N'esta mesma officina existem os grandes depositos de tintas de maior consumo, como jornal, obras, etc., como garantia offerecida aos consumidores. Em tintas de jornal ha sempre em existencia 4:000 a 5:000 kilos.

Em seguida ha, pela esquerda, a casa do motor a gaz, de 25 cavallos de força; e a serralheria, para concerto immediato de quaesquer machinas: pela direita a officina de misturação da massa, com dois misturadores, um para tintas typographicas e outro para tintas lithographicas.

D'esta officina passa-se ao armazem das resinas com 17 metros de comprimento por 6 metros de largo, e d'este á fabrica do negro de fumo.

Na officina do negro de fumo ha 5 camaras com 5 fornos. Cada camara tem 5 metros por lado, e o ta-

manho geral da edificação é de 30 metros de comprimento por 10 metros de largo. A direita correm as camaras e na valla os fornos. A esquerda é a armazenagem dos negros recolhidos das camaras.

Ao fundo d'esta edificação ha um reservatorio de 30 metros quadrados para deposito de naphthalina. Ao lado o terreno para o movimento da fabrica e para futuras edificações e, na passagem para o pateo central, encontra-se a officina dos vernizes com 3 grandes caldeiras para a sua manipulação, chaminés moveis e a grande chaminé geral de 20 metros de altura.

Ha em seguida a officina da calcinação do negro por meio de fornos com grandes cadinhos de ferro, e o armazem do negro calcinado.

No pateo central existe a officina da massa para rolos e fundição dos mesmos, a forja e os banhos.

Por uma escada que dá accesso ao andar superior sobe-se á officina de funilaria, onde se encontram 8 machinas do systema mais aperfeçoado, ha a officina de collagem de rotulos e empacotamento, e ao lado a habitação do contramestre.

Como pouco mais ou menos se pôde ajuizar, é esta uma industria montada á sua verdadeira altura e a rivalisar em qualidades e preços com os melhores productos do estrangeiro, e nós julgámos do nosso dever congratularmo-nos pela sua installação, aconselhando os consumidores, não a experimentarem os seus productos, visto que estão sufficientemente garantidos pelas experiencias feitas, mas a usarem-os, que n'isso vae o seu interesse pela economia dos preços e pelo bom trabalho que aquellas tintas produzem.

V. A.

VINHO DO PORTO

O perfeito vinho do Porto para os portuguezes pôde ser expresso n'estas palavras: muito pouco asucar, nenhum alcool perceptivel ao paladar, nenhuma adstringencia, uma impressão macia e oleosa, um perfume ethereo e rescidente, nenhum corpo, e uma côr a que talvez devesse chamar-se *topajão* queimado.

Ao favor de um amigo commum devemos o publicar o seguinte bello soneto inedito:

POST-SCRIPTUM

... Então o padre, n'um murmurio ethereo,
Disse a oração dos mortos... Lentamente
Aquella voz perdia-se tremente
No deserto sem fim do cemiterio.

Foi o caixão levado para a algente
Cova que occulta o negro horror funereo...
Vi-o rolar do abysmo no mysterio...
Depois, a cal n'um turbilhão fremente,

Como uma nodoa pallida manchava
O triste ninho onde talvez sonhava
Entre roxos setins e azul velludo,

Aquella que... olha: se tens coragem
Para ver d'esse drama a atroz imagem,
Rasga o meu coração: lá verás tudo.

LUIZ GUIMARÃES.

ANGOLA—PONTES SOBRE O LUCALLA

O rio Lucalla, afluente do Quanza, a mais importante via fluvial da vasta provincia de Angola, nasce ao noroeste do presidio do Duque de Bragança; depois de banhar a povoação do mesmo nome, muda a direcção do seu curso para oeste, passa proximo a Pamba, séde do concelho de Ambaca, limita pelo sul o riquissimo concelho de Cazengo, deriva-se junto de Oeiras, onde o illustre capitão general de Angola D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho estabeleceu uma grande fabrica de fundição de ferro, de ha muito em ruinas, recebe ahi as aguas do Luinha, e, correndo depois para o sul, vae lançar-se no magestoso Quanza a oeste da muito notavel e historica villa de Massangano.

Foi sobre o Lucalla, que em 1886, governando a provincia o sr. capitão de mar e guerra Ferreira do Amaral, se emprehendeu lançar uma ponte, complemento indispensavel das estradas feitas ou projectadas para facilitar as communicações, e, portanto, desenvolver o trafego agricola e commercial do interior da mesma provincia com a capital.

madeira e ferro, bem como as guardas, em rotula, excede 4 metros.

Dirigiu os trabalhos com extraordinario zelo e provada competencia o sr. Francisco Maria Victor Cordon, militar distincto, cujo nome fulgura hoje entre o dos mais prestimosos pioneiros da Africa portugueza.

As pontes do Lucalla, cujo custo subiu a mais de réis 100:000:000 são, no conceito de uma auctoridade competentissima, o sr. tenente coronel de engenheiros, Joaquim José Machado, actual governador geral da provincia de Mocimboa, «uma obra magnifica, grandiosa, utilissima, bem projectada e não menos bem acabada».

A nossa gravura representa a parte central d'esta, que bem pôde considerar-se uma das mais valiosas e elegantes obras de arte, que se tem executado, durante os ultimos annos, nas provincias de alem mar, e constitue, por igual, documento eloquentissimo e insuspeito, de que, se não pôde affirmar-se que tenhamos cuidado como deviamos do nosso dominio colonial, não é verdade tambem, como imprudente e desnecessario se conclama e repete, que nada havemos feito para civilisar e valorisar os immensos territorios que nos pertencem na



PONTES SOBRE O LUCALLA

Elaborou o respectivo projecto o sr. tenente coronel de engenheiros Claudino Augusto Carneiro de Sousa e Faro.

A obra compõe-se não de uma, mas de tres pontes: a primeira sobre o Lucalla, de 111^m,5, dividida em cinco tramos sobre encontros e pilares de alvenaria hydraulica e semi-hydraulica. Uma avenida de 43^m,5 separa-a da ponte sobre o braço direito do Lucalla, com a extensão de 63^m,20, dividida em tres tramos. Esta liga com o lanço da estrada, que conduz á villa de Cacullo, séde do concelho de alvenaria, como a primeira, assente em pilares e encontros de alvenaria.

Outra avenida de 142^m,80, que obrigou a mui consideraveis movimentos de terra, separa a ponte, que diremos central, da que atravessa o Caxissa, afluente do Lucalla. Esta é, porém, de um só tramo, medindo apenas 29^m,6, e assente somente sobre encontros de alvenaria, com muros de suporte das avenidas, ligando com o ramal da estrada que conduz á opulenta villa do Dondo.

No seu conjunto, as tres pontes representam uma extensão de 204^m,30. Contando as avenidas, essa extensão attinge 390^m,60. A largura util dos estrados das pontes, de excellent

Africa, e são o objectivo da tresloucada ambição e tão insaciavel como pouco escrupulosa cupidez da nossa mais antiga, mas menos fiel e menos leal alliada. — F. PEREIRA e SOUSA.

MAURICIO DE GUÉRIN

(Conclusão)

Não terminaria se fosse dando-lhes para aqui todas as bellezas colhidas na obra d'este gentil espirito, tão cheio de graça, e de delicadeza, tão inebriado de poesia e de ideal; mas arrancarei ainda algumas perolas mais ao seu inexgottavel escriptorio.

Continuem lendo:

«Os caminhos que levam as creaturas da terra ao céu não se assemelham; alguns parecem até pro-

fundamente desviados, e no entanto convergem para o centro commum, embora cada um tenha os seus meandros, os seus atalhos, os seus dedalos mysteriosos...

E a seguir; escreve que viverá na terra «como n'um templo onde todas as cousas desempenham um ministerio sagrado, onde até os atomos de poeira são outros tantos levitas, cujas innumeraveis legiões se prosternam e oram, mesmo nas fendas da calçada...»

Não sei se isto será orthodoxo, mas para mim sei que é bello, e tocado de um fundo de mysticismo pantheista que immerge a alma n'um banho de religiosa unção e de indefinida suavidade...

E é este mesmo sentimento vagamente religioso que domina Guérin o que ainda lhe inspira o horror de tudo o que é baixo, grosseiro, pequenino, dando-lhe o desejo de viver no templo interior da sua consciencia, na torre divinal e eburnea das suas proprias phantasias, antes do que deixar-se inocular pelo contacto tantas vezes deleterio da sociedade, da sociedade que, como a vemos constituída «de tal modo transformou os homens e destruiu n'elles os simples instinctos da alma, que todos quantos escaparam ao contagio geral e conservam virgem a ingenuidade de gostos primitivos, são constringidos a esconder-se, a eximir-se, a envolverem-se n'uma especie de pudor».

Depois d'estas vem uma dezena de paginas das mais bellas que podem pedir-se á psychologia e á litteratura, e em que Guérin, dando largas á sua dor pela morte da doce e insubstituível companheira de um seu amigo, e que era tambem para elle a bondosa e acariante consoladora das suas tristezas e dos seus desanimos, se escarpelisa e estuda a si proprio com um assombroso poder de intuspecção, contando-nos sem ambages os defeitos da sua intelligencia, as fraquezas da sua imaginação, e as deficiencias do seu espirito, mas tudo isso com um tal ar de sinceridade que embora na propria forma como nos relata essa imaginaria impotencia intellectual e moral, esteja o mais evidente desmentido d'ella, e bem ao contrario uma alta prova das suas inestimaveis e preciosissimas qualidades de observador e de analyta, de pensador e de philosopho, nós acreditámos que era a verdade o que elle escrevia, que era real o triste estado de espirito que n'aquella hora melancolica e desoladora, lhe mostrava a existencia de uma negrura infinita; que, finalmente, temos diante de nós um coração que sangra e padece, uma alma que sente todas as torturas, que nos pinta n'uma linguagem tão commovente e tão simples...

E é ainda sob a escruciante impressão d'esta agonia que elle continua o seu diario, deixando exparsas por essas paginas febris phrases desalentadas ou amargas como esta:

«Ninguém pensa mais mal de mim que eu proprio.»

Ou esta:

«Nós trazemos em nós mesmos mil fatalidades. O que é que sabemos acerca do que nos impelle e qual é o melhor em tudo isto!...»

Não acabaria, porém, este artigo se quizesse trazer para aqui todas as scintillações d'este precoce talento, tão cedo roubado ás letras francezas, e no tempo que passo em silencio uma serie de cartas que são como a sua auto-biographia, e trechos de versos onde pullulam bellezas incomparaveis.

E preciso terminar, porém, e lendo o que escrevi, reparo com magoa que já não posso fallar-lhes no *Centauro* em que, como lhes disse, paira um sopro epico, e que só por si faz adivinhar a envergadura pujante d'este talento.

*
*

Comtudo, se fiz nascer em alguém a curiosidade de conhecer este sympathetic e para mim adoravel poeta, esse alguém verá que, longe de exagerar, julgo ter ficado muito aquém do que desejaria escrever d'elle, e que porventura deixei na obscuridade trechos e trechos com que poderia ter esmaltado estes artigos.

E, porém, tarde para remedial-o, alem de que Guérin nada perderá com isso.

E já agora este formoso periodo para concluir:

«Se ha paes que transmittem aos filhos as suas deformidades naturaes, porque se não transmittirá tambem com o sangue o sentimento da desgraça?!...»

*
*

Pobre utopista! N'essas linhas photographava-se de certo elle proprio, porque um desgraçado, eis o que elle foi em vida!

Morto em plena mocidade, quando o cerebro se lhe desatava em primores, e uma doce e compassiva alma de mulher tinha afinal vindo commungar com elle a hostia do Amor, mal conseguira levar da existencia e do mundo outra recordação que não fosse a de uma infinita e invencivel fatalidade, pensando sempre sobre todos os que alguma hora quizeram inebriar-se com o vinho capitoso da gloria, e embarcaram, intemeratos e confiantes, na fragil guiga ligeira da Illusão e do Sonho, não pensando, ingenuos visionarios, que o naufragio viria perto...

Guérin não se eximiu, portanto, a este sinistro fado, e o seu nome inscripto hoje na portada de meia duzia de paginas, eternamente gloriosas e vivas, foi mais um elo d'essa interminavel cadeia de predestinados, que têm vindo, através das idades, fallando aos homens uma divina e transcendente linguagem que elles não sabem ou não querem entender, linguagem feita de Amor e de Bondade, de Tolerancia e de Perdão, de Entusiasmo e de Concordia... E isso a Poesia, essencia mysteriosa e volatil, que passa breve na Terra, e que a Terra mal póde aspirar sequer...

E quando espiritos como Guérin conseguem fixar um momento, têm que deixar cá em baixo o seu involucro limoso, que é esse o preço por que ascendem com ella a essas longes regiões aereas que nós jámais veremos...

Vem a Dôr, vem a Miséria ás vezes, vem a Tristeza sempre ralal-os e consumil-os, e só assim conseguem ser absorvidos no seio d'ella, desaparecendo n'esse nirvana do Eterno Bello...

Resta saber se elles terão depois, n'essa migração siderea, a compensação sonhada dos seus infinitos desejos insaciados, ou se, estrellas errantes n'algum firmamento ignoto, chorarão eternamente o seu ideal intangível, as suas visões distantes, os seus sonhos incoercíveis...

Como quer que seja, uma corrente misteriosa ligará para sempre umas ás outras as almas como a de Guérin, e é por isso que, fallando agora d'este, eu penso que, morto como está ha tantos annos, elle viverá sempre no espirito de quem o ler, e terá, quem sabe? uma lagrima de agradecimento para cada palpitação que os seus pensamentos acordarem nos corações que o comprehendam...

AFFONSO VARGAS.

HISTORIA DE UM MARÇANO

(Continuado)

O Thomé esteve assim horas. Ás vezes socegava um pouco, mas logo depois todo elle se contorcia gemendo, e n'uma excitação febril, dobrava-se, encolhia-se todo.

N'um dos seus curtos instantes lucidos ainda presenciou que perto d'elle alguém ia talvez morrer, porque, exactamente como lá na aldeia, um padre viera com o viatico e demorára-se algum tempo; depois sempre o mesmo homem de camisa longa achegára-se com um copo, mas um ruído surdo e rouquejante partia de lá, e o Thomé não pôde perceber mais.

Por fim ouvira um baque, e tudo voltára ao silencio. Elle, tambem, fatigado, conseguiu adormecer.

Quando acordou, viu-se n'uma outra cama, em uma sala mais pequena, e em volta d'elle um grupo de rapazes. Eram os estudantes. Ouviu que fallavam a seu respeito, mas não os entendia. Depois comprehendendo que lhe faziam perguntas—que idade tinha, se havia tido doenças, de onde era. Ainda em seguida um d'elles poz-lhe o ouvido no peito, e outro percorria-lhe as costas a pequenas pancadas miudas e secas e apalpava-lhe a frente.

N'isto uma sineta soou a distancia e todo o grupo debandou rapido. Ficaram somente os dois; mas voltados minutos esses mesmos se foram, e Thomé voltou-se cerrando os olhos.

D'ahi a pouco vieram dar-lhe a beber um liquido escuro e azedo, que elle enguliu careteando muito, e depois deixaram-no entregue a uma somnolencia vaga, recommendando-lhe que não se mexesse.

Ao outro dia veiu vel-o um grupo ainda maior, e de entre as vozes confusas dos que fallavam, Thomé ouviu distinctamente uma que lhe proferiu o nome. Conforme pôde voltou-se, e viu adiantar-se para elle um rapaz louro, gordo, barba toda e uma voz clara e forte vibrando com doçura:

—Então por aqui, Thomé? Que diabo é isso? Não queiras morrer.

E o Thomé n'uma alegria animal quasi:

—Ai o menino D. Rodrigo aqui!

E até lhe parecia que já não tinha tantas dores. Estava ali sim, dissera o D. Rodrigo, e ficasse socegado, nada lhe havia de faltar. E por seu turno foi examinal-o tambem.

Este D. Rodrigo que nem mesmo tinha *dom*, era um vizinho de Thomé, filho de um proprietario rico do Minho, cujas fazendas entestavam com a do pae do marçano.

Em creança brincára muito com elle; depois viera tambem para Lisboa, e nunca mais o vira. Ficára, porém, conhecendo-o, e tivera um tal ou qual prazer em se recordar dos annos felizes da infancia, quando ambos, trepados nas arvores, brincavam despreocupados e alegres sem olhar a distincções.

Hoje o Thomé estava ali n'um leito de caridade, pelo seu ar via-se que soffrêra mais inclemencias que as da doença, e na simples exclamação que o pobre rapaz soltára, Rodrigo concluiu logo do seu estado de espirito; emquanto a elle estava ali tambem, mas invejado e feliz, no seu quarto anno medico, cheio de força, de talento e de esperanças, e pairando agora n'uma região socialmente e espiritualmente tão superior á do obscuro companheiro da sua infancia, que nem se podiam avistar quasi.

Mas como o amor da sciencia dá gostos simples e lava a alma das impurezas da vaidade, Rodrigo não mediu a distancia que a logica das situações havia estabelecido entre ambos, e alem d'isso com a preocupação do medico que procura um caso e que por elle se apaixona, pediu para se encarregar d'esse doente que elle tão bem conhecêra, que lhe evocava ao espirito todo um largo trecho do seu passado, annos risonhos que não tornavam já,—e apprehendeu a cura do Thomé.

A principio divergiam muito as opiniões. Varios diziam que aquillo era uma psychopathia, incipiente, uma lesão cerebral, emfim que se accentuaria com o andar do tempo; alguns arriscavam que seria um esgotamento nervoso resultado da predominancia de um dado pensamento, da obsessão de uma idéa fixa n'um espirito fraco. Rodrigo, mais pratico, menos ideologo, insistia que o cerebro do Thomé estava bom; conhecia-lhe os paes e os ascendentes tudo individuos sãos, nem beatos eram, o que poderia de certa fórma ter predisposto para qualquer delirio devoto; nada, *aquillo* era gente muito *terra terra*, muito equilibrada para isso. E quando algum condiscipulo mais theorizador se embrenhava com elle em considerações physio-psychologicas sobre a probabilidade de uma degeneração mental, manifestando-se pela primeira vez no Thomé, Rodrigo rematava sentencioso que este luxo de sciencia só tinha gasto nas pessoas das capitães, e deixassem a sua sadia provincia tranquilla.

Então outros procuravam combater-lhe o que elles chamavam a *sua estreiteza de vistas*, e tentavam provar-lhe que esse Minho, tão decantado pela feracidade robusta da sua população, era a final a séde provada de algumas doenças de caracter contagioso que haviam acabado por inficionar o paiz; e de uma occasião que Rodrigo, um tanto assomado, quiz saber que doenças eram essas que elle não conhecia, um d'elles retorquiu-lhe com uma seriedade comica que o desconcertou:

—Homem, mas toda a gente o sabe; a commendadorite e a brazileirite; vê se tens alguma cousa a dizer das terminações.

E um outro, muito serio, que tinha a mania das syntheses e visionava em aspectos estranhos os mais

comesinhos factos, partia já d'esse inconsequente graço de um condiscipulo para as deducções da philosophia, e sustentava que era isso em verdade assim.

A emigração deslocando forcas e depauperando-nos em sangue e em vidas tinha a um tempo originado duas enfermidades, que eram quasi duas epidemias ou melhor duas endemias, uma de caracter psychologico, outra manifestamente physiologica, e vinham a ser uma ancia, uma febre, um erethismo visivel, emfim, que de certo pela hereditariedade acabaria por predispor para as affecções mentaes o viveiro mais denso da população do reino, pela preoccupação de ir a longes terras á conquista do ouro, para ser rico, e uma immoderada ambição, um doentio prurido de intervir á volta — quem voltava — na administração e na economia publica.

E, terminava, ahi tinham explicado como uma denominação phantastica encobria um theorema social.

Alguns riam, e entretanto era esquecido o Thomé que lá ia gemendo a distancia.

Felizmente, Rodrigo acertára, aquillo não fôra doença seria, embora apparecesse grave nos primeiros dias. E ou porque a energia physica do Thomé offereceu uma resistencia potente á invasão do mal, ou porque este se attenuasse, mercê das medicamentações, volvido um mez entrava em plena convalescença, e Rodrigo rejubilava de véras orgulhoso; evidentemente fôra elle quem, em qualquer das hypotheses, tinha obtido a victoria, que não deixava de ser significativa, pois que em parte tivera que combater o diagnostico que fizera o professor.

D'ali a dias Thomé saia do hospital, e ia agradecer ao sr. Guimarães.

Este, que decididamente engraçara com elle, perguntou-lhe se gostaria de ir á sua provincia ver a mãe.

Thomé, meio suffocado de alegria, articulou uns monossyllabos que o seu antigo patrão traduziu por uma affirmativa, e depois observou a medo que talvez o sr. Libanio não consentisse.

O sr. Libanio consentia, affirmou-lhe Guimarães, fosse ver as senhoras lá acima e depois viesse falar-lhe.

O Thomé cada vez mais confuso saiu recuando, e d'ali a tres minutos entrava em casa das senhoras.

Sophia casada havia um mez, e a irmã que afinal chegára da sua viagem ia tambem casar, pelos modos com um estrangeiro lá d'essas terras por onde a menina andára — dissera a velha creada com quem Thomé esteve palestrando, rememorando casos, contando a sua vida, descrevendo a estada no hospital.

— Com que então tambem a outra menina vae casar? — repisava Thomé parecendo attonito. . .

— Sim, homem, dizia a creada rindo da estranheza d'elle, que havia n'isso para taes espantos?

E, batendo-lhe no hombro, tambem tu has de casar quando fores estabelecido. . .

Thomé riu muito, com um riso incaracteristico quasi, um riso inconsciente e hebetico, que por sua vez fez tambem rir a creada, mas ao mesmo tempo, como se aquellas palavras *quando fores estabelecido* que a cozinheira proferira ao acaso, tivessem despertado n'elle um germen adormecido, o olhar tornou-se-lhe, e sem explicar por quê, não soube conter duas lagrimas que mansamente vieram rolando-lhe

pelas faces, emquanto o seu pensamento, por um designio mysterioso, voltava de novo a caminhar, a caminhar por esse fatal pendor que dois mezes antes o tinha conduzido ao hospital. . .

Então como quem queria furtar-se a alguma cousa de doloroso que dentro d'elle ameaçava explodir, e que punha todo o seu ser n'uma vibração intensa, poz-se a fallar com uma larga abundancia de exclamações e de gestos na sua proxima ida á terra, e como iam ficar todos admirados de o ver lá, quando insensivelmente, ao pensar em Rodrigo que elle dizia á cozinheira que o havia curado, lhe vieram outra vez á lembrança estas estranhas, perigosas e ao mesmo tempo fascinadoras palavras que dentro d'elle martellavam com força — *quando tu fores estabelecido*.

E de novo entristeceu e se calou até que «a senhora» veiu tiral-o do seu embebecimento.

(Continúa.)

ASSUMPTOS VARIOS

Respostas que Thales de Mileto deu ás seguintes perguntas, que lhe fez um sophista que o queria confundir.

O que ha mais antigo?

— Deus.

Qual a cousa mais bella?

— O mundo.

Qual é a mais vasta?

— O espaço.

Qual é a mais constante?

— A esperanza.

Qual a maior?

— A virtude.

A mais ligeira?

— O pensamento.

A mais forte?

— A necessidade.

A mais facil?

— Dar um conselho.

A mais difficil?

— Saber conhecer-se.

A mais sabia?

— O tempo, que é o grande mestre.

Escola— Toda a escola, qualquer que ella seja, é alfobre de saber, pulverizador de luz, algoz de trevas, cadinho de metal, artifice de amor. Breve: a escola instrue; quer dizer — ama, educa, esclarece, melhora.

Abriu uma escola, é fechar uma prisão. Fazer um sabio, é desfazer um assassino. Empennar uma caneta, é despontar uma faca. Escrever um compendio, é desembalar um cartuxo. Aparar um lapis, é resgatar uma alma. (*De que servem as escolas?* — José de Sousa Monteiro.)

J. A. DIAS.

Os annos são degraus que se esboroa á medida que os vamos subindo.

M.^{me} SWETCHINE.

O bem: não faz ruido e o ruido não faz bem.

DE MAISTRE.